

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Populon Class.: 20

Data: 18/09/83 Pg.: _____

**Antropólogo
vê javaés
no abandono**

O antropólogo André Amaral de Toral denunciou ontem o abandono dos índios javaés da aldeia de Boto Velho, na Ilha do Bananal. Ele disse que a Funai não dá nenhum apoio à tribo, cujas terras estão totalmente ocupadas por criadores de gado. Além disso, correm o risco de terem suas lavouras e aldeia inundadas com a construção da Go-262. Os silvícolas não têm escola, assistência médica ou qualquer ajuda.

A aflitiva situação dos javaés foi constatada pelo antropólogo, que reúne entre eles subsídios para a defesa de tese, a nível de mestrado. André de Toral denunciou ainda a devastação da fauna aquática nos lagos da ilha, praticada por pescadores profissionais clandestinos e também por turistas. A pesca é a base de subsistência dos javaés e carajás. (Página 6)



ANDRÉ TORAL

Javaés, um quadro de miséria

Funai abandona os javaés

Os índios javaés da aldeia de Boto Velho, além do risco de terem suas lavouras e aldeia inundadas com a construção da GO-262, não estão recebendo qualquer assistência por parte da Funai. Em denúncias feitas ao antropólogo André Amaral de Toral, eles se queixam da falta de assistência médica e escolar, de apoio para as atividades de subsistência e, o que é mais grave, não contam com o apoio da Funai na defesa de seu território, totalmente ocupado por criadores de gado.

O antropólogo, que está realizando um trabalho de defesa de tese a nível de mestrado junto aos javaés, fala também do problema da devastação da fauna aquática nos lagos da ilha por parte de pescadores profissionais clandestinos e turistas. A pesca, base da subsistência dos javaés, e carajás, "estásendoameaçada com um verdadeiro assalto", relata Toral.

CRISE

A crise denunciada pelos índios ao pesquisador é apenas um meio para se tentar impedir que novos problemas venham acossar ainda mais as comunidades indígenas da Ilha do Bananal. Desde que a ilha foi aberta para que fazendeiros a transformassem em pasto para seus rebanhos, os índios não conseguem mais dominar seus problemas.

Sob a alegação de que fora da ilha não existem pastos durante grande parte do ano, a Funai permitiu a entrada de rebanhos no Parque Indígena do Araguaia, sob o regime de arrendamento. Junto com o gado a

ilha foi tomada por um grande número de pessoas brancas — estimadas em 15 mil. Funcionários do órgão na ilha alegam que a expulsão desse pessoal e o fim do arrendamento aos criadores e fazendeiros poderá resultar em grandes problemas econômicos e sociais para o Estado. Ao mesmo tempo, a abertura de estradas no interior da ilha, visando beneficiar propriedades rurais de alguns políticos, faz com que o número de pessoas que tentam ocupar a ilha aumente.

Com isso, os primeiros aspectos negativos para os índios começam a surgir na aldeia de Boto Velho. "Os índios vivem em contato indiscriminado com a população regional, turistas e pescadores. Devido à inexistência de qualquer sinal da presença da Funai na área, a cachaça entra livremente na aldeia, apesar de sua venda aos índios ser proibida pela Constituição federal."

Entre a aldeia e a casa das máscaras passa uma estrada utilizada pelos criadores de gado na ilha ou por turistas que se dirigem para os pontos de pesca. O uso dessa estrada que literalmente corta a aldeia em duas partes é um flagrante desrespeito à comunidade, que muitas vezes se vê obrigada a interromper a dança das máscaras, de profundo significado religioso, para passagem de veículos daqueles que lhes invadem as terras. Tentando diminuir o perigo desse trânsito, os índios bloquearam a estrada com troncos de árvores, forçando os condutores de veículos a se deterem e a pedir autorização para cruzar a aldeia.

A RODOVIA

Além do projeto de construção da GO-262, já está sendo iniciada a construção da BR-264 por parte da Sudeco, para o escoamento da produção agrícola de algumas fazendas e destilarias de álcool. "Uma vez autorizada a construção da estrada, os javaés sentiram que a ocupação de seu território aumentaria com um número sempre crescente de invasões. Com efeito, além de servir ao escoamento da produção agropecuária do Norte de Mato Grosso, ligando-o à Belém-Brasília (BR-153), a estrada serviria aos interesses dos arrendatários do Parque Nacional do Araguaia e do Parque Indígena do Araguaia que, desta maneira, poderiam colocar o gado no asfalto rapidamente. Com a agilização do escoamento da produção pecuária local, certamente, haveria uma corrida às pastagens da ilha, de resto já utilizadas pela população regional para criação há mais de duas décadas. A construção da estrada é uma verdadeira bênção para a população dos municípios à leste da ilha, o que explica a apreensão que vive a região com o impasse criado na demora da Funai e do IBDF em resolverem a situação dos javaés de Boto Velho".

IMPASSE

"Uma vez autorizada a construção da estrada, o IBDF iniciou a construção de um posto de controle na margem do Rio Javaés para fiscalizar a passagem de veículos no trecho em que a estrada corta o Parque Nacional, evitando danos ao patrimônio ecológico.

"Cansados de esperar por uma definição da Funai para

o problema da demarcação de suas terras, os índios de Boto Velho sentiram que o estabelecimento de um posto de controle do IBDF no que consideram como sendo seu território era uma afirmação de que a área era efetivamente do IBDF.

"Sem ser consultados e desesperados com o esbulo a que estavam sendo submetidos, os javaés tomaram uma atitude drástica: paralisaram a construção do posto do IBDF, obrigando os operários a fugirem; expulsaram o topógrafo da Sudeco encarregado de fazer a demarcação da área; saquearam a obra e retiraram as estacas que marcavam o traçado da estrada que passava no meio de suas roças.

"Os javaés alegam que a construção do atêrro necessário à construção da estrada ocasionará o alagamento das roças na estação das chuvas devido à insuficiente vazão das águas pelas manilhas (o que transformará o atêrro numa espécie de dique de contenção das águas). Como a área das roças é relativamente pequena e a única nas proximidades a salvo das águas durante as chuvas, os índios temem que a provisão de gêneros vegetais durante esta estação, que é vital, seja prejudicada e sua subsistência ameaçada de forma vital. Na época das chuvas, os índios da região vivem basicamente do produto de suas roças, uma vez que a pesca é dificultada pelo aumento do volume das águas. Para evitar problemas maiores, os índios propõem uma mudança no traçado da rodovia em 500 metros, a fim de não prejudicá-los".

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

10 Bopelava

Class.:

Data:

18/10/83

Pg.: